

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

1

## Quando a diferença dói...

*Filomena Ventura (\*)*

A escola enquanto lugar de socialização, depois da família, é desde há muito um facto inquestionável. É também um lugar comum a importância crescente da participação da família na vida escolar do seu educando. Quando as partes se reconhecem e se estabelece uma plataforma de cooperação, no que se refere aos objectivos a alcançar e aos respectivos procedimentos, os resultados são sólidos e visíveis.

Esta colaboração família-escola torna-se ainda mais cara quando os jovens educandos são alunos com necessidades educativas especiais, que, pelas especificidades individuais e pela natureza do processo educativo, requer canais de comunicação suplementares e troca de informação pertinente em tempo real.

Conseguida uma participação colaborante, está garantido um percurso formativo que permite almejar um desenvolvimento harmonioso do jovem. Contudo, nem sempre se constroem parcerias colaborativas, e por razões diversas. Trataremos, nesta breve reflexão, da dificuldade em ajustar as expectativas da família às especificidades da criança ou jovem.

O nascimento de uma criança, sobretudo se for o primeiro filho, determina mudanças no ritmo de vida do casal, propiciando uma gama variada de sensações e sentimentos. Na opinião de Cardoso<sup>1</sup>, a criança em gestação já apresenta em princípio “um lugar na história de vida da mãe, através das expectativas de gravidez e, por sua vez, já possuindo papel determinante no contexto familiar”. Assim, associado à gravidez emerge naturalmente o sonho de um bebé saudável, que cresça bem.

<sup>1</sup> CARDOSO, in Karla Behring in <http://dynamikdeslebens.webnode.com> acedido em 2010-04-02

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

2

Levin<sup>2</sup> é mais duro na sua apreciação ao referir que o nascimento de uma criança comporta necessariamente um trabalho de luto por parte dos pais. A criança que nasce “nunca coincide com a criança idealizada. Mas, quando a criança nasce com uma patologia, é muito difícil para os pais elaborar o luto da criança que não veio, impossibilitando-os de a situar na genealogia”. Na opinião do autor, a criança acaba por tornar-se “filha da deficiência da qual é portadora. A filiação passa a ser a síndrome e não os pais”.

Nestas circunstâncias, e face ao nascimento de uma criança diferente, com características que obrigue a ajustes a diversos níveis, as reacções diferem de família para família e dos referenciais de cada um. É, ainda, natural que se criem compensações. Segundo Rosso<sup>3</sup>, o luto pelo nascimento da criança que não corresponde às expectativas criadas durante a gravidez passa por várias fases nos diversos contextos familiares.

Numa primeira fase, quando a família recebe a notícia, precisa de lidar com as novas informações. É natural que a raiva e o desespero se façam sentir. Contudo, é importante que a família seja capaz de reorganizar as suas emoções. Segunda a mesma autora, é comum o sentimento de luta e fuga a uma situação conhecida ou assustadora, o que não significa necessariamente a negação da criança. Em simultâneo, é fundamental que a família consiga identificar as qualidades da criança sem, no entanto, projectar “o futuro da criança ou tentar antecipar tudo que está por acontecer, como uma vida inteira de dedicação a um filho doente”.

Outra das fases que compõem o período de luto é a da busca pelos culpados ou responsáveis. A mãe e o pai questionam-se sobre o que podem ter feito de errado para que tudo isso acontecesse. Trata-se de um processo de difícil entendimento e as mais absurdas hipóteses podem ser consideradas. Em momentos de tensão mais intensa podem produzir-se reacções distintas; a família pode fortalecer-se e buscar opções construtivas ou pode isolar-se.

A ajuda especializada pode ser necessária e muito útil. A autora sugere uma imagem singular, referindo-se às demonstrações feitas pelos comissários de bordo em aviões, que se for preciso utilizar as máscaras de oxigénio, devem “primeiro colocá-la no próprio para depois poder

<sup>2</sup> LEVIN, E. in <http://scielo.bvs-psi.org.br> acedido em 2010-04-02

<sup>3</sup> ROSSO, in <http://www.indianopolis.com.br> acedido em 2010-04-02

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

3

ajudar os demais”. O procedimento é o mesmo. Pai e mãe devem restabelecer-se do choque primeiro para depois poderem atender bem os demais integrantes da família.

Assim, o reconhecimento e a aceitação da diferença são fundamentais para uma colaboração mais eficaz em contexto escolar. Aceitar as circunstâncias de cada um é permitir-se participar efectivamente. Olhar a criança enquanto indivíduo, livres de todos os sonhos e expectativas, perceber as potencialidades e as necessidades contribuirá para a construção de um percurso escolar mais ajustado e, conseqüentemente, tornará a criança mais feliz. Quando esta disponibilidade não se verifica a criança é a principal perdedora e, conforme as suas possibilidades, vai dando sinais mais ou menos perceptíveis.

Quando as expectativas dos progenitores face ao desempenho escolar do seu educando são desajustadas, ancoradas em sonhos e não no respectivo perfil de funcionalidade, exigindo um esforço acrescido e, frequentemente, sem sentido para os mais pequenos, corre-se o risco de se verificarem situações de desorganização da criança, com recusa de participar na tarefa, fuga da situação criada, alheamento, que, em casos de alunos mais velhos e autónomos, se pode consubstanciar na falta às aulas.

Sendo que a família é o interveniente fundamental na definição e implementação das medidas educativas para o aluno com necessidades educativas especiais, nomeadamente pelo contributo no conhecimento da criança em contextos mais alargados, a montante da intervenção, e na aplicação e consolidação das medidas desenhadas em todo o processo é, assim, igualmente importante que revele uma atitude cooperante e de confiança perante a escola e a vida.

A equipa de Educação Especial pode constituir um interlocutor significativo. O conhecimento e a experiência de problemáticas similares, a promoção do contacto com outros pais e encarregados de educação para a partilha de dúvidas, angústias e conquistas, a disponibilidade para o enquadramento da problemática e o apoio, a intervenção e a articulação em todo o processo de inclusão constituem mecanismos que potenciam a emergência de uma relação empática. É então expectável que este ambiente de confiança se constitua como facilitador da aceitação das circunstâncias contextuais da criança, o que configura atitude essencial para uma participação responsável.

*(\*) Professora de Educação Especial da Escola EB 2,3 de Leça da Palmeira.*